



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE
BRAGANÇA FACULDADE DE EDUCAÇÃO LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA

LUIS HENRIQUE DOS REIS SILVA

**CULTURA MATERIAL DA PESCA DE TARRAFA NO CURRÍCULO
INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA VILA DOS
PESCADORES, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL**

BRAGANÇA (PA) 2026

LUIS HENRIQUE DOS REIS SILVA

**CULTURA MATERIAL DA PESCA DE TARRAFA NO CURRÍCULO
INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA VILA DOS
PESCADORES, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como parte dos requisitos
obrigatórios para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia, Faculdade de
Educação do Campus Universitário de
Bragança, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Rogerio Andrade
Maciel

BRAGANÇA (PA) 2026

LUIS HENRIQUE DOS REIS SILVA

**CULTURA MATERIAL DA PESCA DE TARRAFA NO CURRÍCULO
INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA VILA DOS
PESCADORES, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como parte dos requisitos
obrigatórios para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia, Faculdade de
Educação do Campus Universitário de
Bragança, Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Rogerio Andrade
Maciel

Bragança, __/__/____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogerio Andrade Maciel

Orientadora – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profa. Dra. Marlucy do Socorro Aragão de Sousa

Examinadora interna – Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Sebastião Rodrigues da Silva Júnior

Examinadora interna – Universidade Federal do Pará (UFPA)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me concedido saúde, força, sabedoria e perseverança durante toda esta caminhada acadêmica. Em muitos momentos de dificuldades e desafios, foi a fé que me sustentou e me permitiu seguir em frente em busca dos meus objetivos.

Aos meus pais, expresso minha mais profunda gratidão. Ao meu pai, Abdias Francisco, por todo apoio, incentivo e força ao longo dessa trajetória, sempre acreditando no meu potencial e me encorajando a continuar. À minha mãe, Maria Nazaré, dedico de forma especial esta conquista. Seu amor incondicional, seus ensinamentos, seus esforços e sua dedicação foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Em nenhum momento me deixou desistir dos estudos, sempre acreditou em mim e esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis. Grande parte desta conquista é resultado do seu amor e de todos os sacrifícios realizados para que eu pudesse sonhar e alcançar meus objetivos.

À minha namorada, Raysa, agradeço pelo companheirismo, pela paciência, pelo incentivo constante e por compartilhar comigo os desafios e conquistas da vida acadêmica. Sua presença tornou essa caminhada mais leve, significativa e feliz. Aos meus familiares, que de alguma forma contribuíram para minha formação pessoal e acadêmica, oferecendo apoio, palavras de incentivo e acreditando em minha capacidade, deixo meu sincero agradecimento.

Aos professores da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Bragança, agradeço pelos conhecimentos compartilhados, pelas reflexões proporcionadas e pela contribuição fundamental em minha formação profissional e humana.

Ao meu orientador, Rogério Andrade Maciel, minha profunda gratidão pela oportunidade de ingressar no universo da pesquisa científica, pelos ensinamentos, pela dedicação, pela paciência e pela confiança depositada em meu trabalho. Sua postura profissional, ética e compromisso com a educação constituem uma grande inspiração para minha trajetória acadêmica e profissional.

Aos amigos e colegas do curso de Pedagogia, agradeço pelos momentos compartilhados, pelas trocas de conhecimentos, pelas experiências vividas e pelas

amizades construídas ao longo dessa caminhada. Cada um contribuiu de maneira especial para que essa jornada se tornasse mais significativa.

Agradeço também às pessoas com quem tive a oportunidade de trabalhar e desenvolver atividades acadêmicas, científicas e profissionais, contribuindo para minha formação e crescimento pessoal.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Pará, especialmente ao Campus Universitário de Bragança, pela oportunidade de ingressar no curso de Pedagogia e por proporcionar uma formação pública, gratuita e de qualidade, fundamental para a realização deste sonho.

A todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta trajetória, meu sincero muito obrigado.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
3 METODOLOGIA	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	34
ANEXO A – Roteiro de entrevista semiestruturada	34
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	36

CULTURA MATERIAL DA PESCA DE TARRAFA NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA VILA DOS PESCADORES, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL

RESUMO

A presente pesquisa analisa a cultura material da pesca de tarrafa no currículo intercultural da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Vila dos Pescadores, localizada no município de Bragança, estado do Pará, Brasil. O estudo parte da compreensão de que os saberes produzidos pelas comunidades pesqueiras tradicionais constituem importantes referências para a construção de currículos contextualizados e interculturais. A pesquisa teve como objetivo analisar os artefatos da pesca de tarrafa e os conhecimentos produzidos pelos pescadores e pescadoras, identificando suas potencialidades para a proposição de práticas curriculares na EJA. Metodologicamente, a investigação fundamentou-se na abordagem qualitativa sob o viés da Nova História Cultural, articulando pesquisa de campo, pesquisa bibliográfica e uso de entrevistas semiestruturadas, registros fotográficos e observação dos contextos socioculturais da comunidade. Os sujeitos da pesquisa foram uma pescadora e um pescador da Vila dos Pescadores, cujas narrativas possibilitaram compreender os processos de aprendizagem da pesca, os conhecimentos relacionados às marés, aos territórios pesqueiros, aos artefatos utilizados na prática da tarrafa e às transformações ocorridas ao longo do tempo. Os resultados evidenciaram que a pesca de tarrafa envolve um conjunto de saberes, práticas e objetos que constituem a cultura material da comunidade, sendo transmitidos entre gerações por meio das experiências cotidianas. Constatou-se que esses conhecimentos possuem significativo potencial pedagógico para subsidiar currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos, contribuindo para a valorização das identidades locais, da memória coletiva e dos modos de vida das populações tradicionais amazônicas. Conclui-se que a inserção dos saberes da pesca de tarrafa no currículo da EJA fortalece processos educativos contextualizados, críticos e comprometidos com as realidades socioculturais dos sujeitos da comunidade pesquisada.

Palavras-chave: Cultura Material; Pesca de Tarrafa; Currículo Intercultural; Educação de Jovens e Adultos; Amazônia Bragantina.

ABSTRACT

This research analyzes the material culture of cast net fishing in the intercultural curriculum of Youth and Adult Education (YAE) in Vila dos Pescadores, located in the municipality of Bragança, Pará State, Brazil. The study is based on the understanding that the knowledge produced by traditional fishing communities constitutes an important reference for the construction of contextualized and intercultural curricula. The research aimed to analyze the artifacts of cast net fishing and the knowledge produced by fishermen and fisherwomen,

identifying their potential for the proposition of curricular practices in Youth and Adult Education. Methodologically, the investigation was grounded in a qualitative approach from the perspective of New Cultural History, articulating field research, bibliographic research, and the use of semi-structured interviews, photographic records, and observation of the sociocultural contexts of the community. The research participants were one fisherwoman and one fisherman from Vila dos Pescadores, whose narratives made it possible to understand the learning processes related to fishing, knowledge about tides, fishing territories, artifacts used in cast net fishing, and the transformations that have occurred over time. The results showed that cast net fishing involves a set of knowledge, practices, and objects that constitute the material culture of the community and are transmitted across generations through everyday experiences. It was found that this knowledge has significant pedagogical potential to support intercultural curricula in Youth and Adult Education, contributing to the appreciation of local identities, collective memory, and the ways of life of traditional Amazonian populations. It is concluded that the inclusion of cast net fishing knowledge in the YAE curriculum strengthens contextualized and critical educational processes committed to the sociocultural realities of the subjects of the researched community.

Keywords: Material Culture; Cast Net Fishing; Intercultural Curriculum; Youth and Adult Education; Bragança Amazon.

INTRODUÇÃO

Nas Amazônias brasileiras, especialmente nos territórios marcados pela presença de comunidades tradicionais, existem múltiplos saberes, práticas culturais e formas de organização social construídas historicamente na relação dos sujeitos com a natureza. Esses conhecimentos, produzidos no cotidiano das populações ribeirinhas, costeiras, extrativistas e pesqueiras, constituem importantes patrimônios culturais que precisam ser reconhecidos e valorizados nos espaços educativos.

Este estudo está vinculado ao projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/FAPESPA/UFPA), intitulado “Cultura Material da Pesca de Tarrafa no Currículo Intercultural da Educação de Jovens e Adultos na Vila dos Pescadores, em Bragança, estado do Pará, Brasil”, inserido nas ações do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em História da Educação e Currículos nas Amazônias (NIPHECA), vinculado à Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Bragança.

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a Cultura Material da Pesca de Tarrafa no Currículo Intercultural da Educação de Jovens e Adultos na Vila dos Pescadores, em Bragança, estado do Pará, Brasil. Como objetivos específicos, busca compreender, por meio da análise do artefato tarrafa, as práticas de pesca de tarrafa, antes e depois das mudanças climáticas, identificando impactos nos territórios, nos modos de vida e nos saberes tradicionais; mapear os artefatos culturais da pesca de tarrafa enquanto elementos da cultura material e os saberes ativados pelos sujeitos da comunidade pesqueira tradicional e dos currículos interculturais.

Nesse contexto, a cultura material apresenta-se como um campo de investigação relevante para compreender os modos de vida, as práticas produtivas e os conhecimentos transmitidos entre gerações, permitindo visibilizar sujeitos e saberes frequentemente marginalizados pelos currículos escolares.

Nessa perspectiva, os artefatos utilizados pelos sujeitos em suas atividades cotidianas constituem elementos fundamentais para a compreensão das experiências humanas. Para Certeau (2014), os modos de fazer produzidos pelos grupos sociais revelam estratégias construídas no interior das práticas culturais, possibilitando compreender os conhecimentos que orientam as ações dos sujeitos em seus territórios. Assim, os artefatos da pesca podem ser compreendidos não apenas como instrumentos de trabalho, mas como elementos constituintes da cultura material, carregados de significados, memórias e saberes produzidos nas relações sociais estabelecidas nas comunidades pesqueiras.

No nordeste paraense, o município de Bragança apresenta forte vínculo histórico, cultural e econômico com a atividade pesqueira. Entre os diversos territórios que compõem a Amazônia Bragantina, destaca-se a Vila dos Pescadores, comunidade cuja dinâmica social está profundamente relacionada às práticas da pesca artesanal e aos conhecimentos construídos na interação com os rios, manguezais, marés e recursos naturais da região. Nesse território, a pesca de tarrafa ocupa lugar significativo na organização da vida comunitária, constituindo-se como uma prática tradicional transmitida entre gerações e responsável pela produção de saberes que orientam o trabalho, a convivência social e a relação sustentável com o ambiente.

A tarrafa, enquanto artefato cultural da pesca artesanal, integra um conjunto de objetos, técnicas e conhecimentos que constituem a cultura material da pesca. Conforme destacam Funari (1993; 2008), Meneses (1997) e Burke (2017), os objetos materiais permitem compreender dimensões importantes da vida social, das memórias coletivas e das identidades culturais dos grupos humanos. Segundo Cunha (2010), o termo tarrafa possui origem etimológica no árabe *ṭarrāḥa* (ou *ṭarrafa*), vocábulo relacionado à ação de "lançar" ou "arremessar". A palavra foi incorporada ao português durante a influência árabe na Península Ibérica, permanecendo associada ao artefato utilizado para o lançamento manual da rede sobre a água na captura de peixes.

A relevância social desta pesquisa está associada à valorização dos saberes tradicionais das comunidades pesqueiras, à preservação das memórias culturais vinculadas à pesca artesanal e ao fortalecimento de propostas curriculares comprometidas com a diversidade sociocultural amazônica. Além disso, o estudo contribui para ampliar as discussões sobre a inserção dos conhecimentos produzidos nos territórios pesqueiros nos processos educativos da EJA, fortalecendo a identidade cultural dos sujeitos e promovendo práticas educativas mais significativas e contextualizadas.

Entretanto, apesar da relevância desses conhecimentos para as comunidades pesqueiras, observa-se que os currículos escolares ainda apresentam dificuldades em incorporar os saberes produzidos nos contextos locais. Tal realidade torna-se ainda mais evidente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade que atende sujeitos com trajetórias de vida marcadas por experiências de trabalho, participação comunitária e produção de conhecimentos muitas vezes desconsiderados pelas práticas escolares. Para Freire (1997), a educação deve reconhecer os

saberes construídos pelos sujeitos em suas experiências sociais, promovendo processos educativos pautados no diálogo e na valorização da realidade vivida pelos educandos. Nessa mesma direção, Fleuri (2009), Silva (2017) defendem a construção de currículos interculturais capazes de dialogar com a diversidade cultural e com os conhecimentos produzidos nos diferentes contextos sociais.

A pesquisa busca responder à seguinte questão-problema: em que medida os conhecimentos sobre os artefatos da cultura material da pesca de tarrafa estão inseridos no currículo da Educação de Jovens e Adultos articulada à Educação Profissional na interface entre a Vila dos Pescadores e a escola que oferta turmas de EJA?

A investigação fundamenta-se nos estudos da História Cultural, da Cultura Material, da Educação de Jovens e Adultos e do Currículo Intercultural, dialogando, entre outros autores, com Chartier (1990; 1991), Certeau (2014), Burke (2005; 2017), Funari (1993; 2008), Meneses (1997), Freire (1997), Fleuri (2009), Silva (2017), Maciel, Neves e Silva Junior (2020) e Maciel e Figueirêdo (2024).

A pesquisa também dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), especialmente com a ODS 14 – Vida na Água, que propõe a conservação e o uso sustentável dos recursos marinhos e costeiros, e com a ODS 4 – Educação de Qualidade, que visa assegurar uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade, promovendo oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.

Nesse sentido, a valorização dos conhecimentos tradicionais relacionados à pesca artesanal representa uma importante estratégia para a promoção da sustentabilidade ambiental, da preservação dos recursos pesqueiros e do fortalecimento das comunidades que dependem diretamente desses territórios para sua sobrevivência social, econômica e cultural. Ao mesmo tempo, contribui para a construção de currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos, reconhecendo os saberes produzidos pelos sujeitos das comunidades pesqueiras como conhecimentos legítimos e fundamentais para uma educação contextualizada, inclusiva e socialmente referenciada.

REFERENCIAL TEÓRICO: Algumas reflexões sobre Cultura Material, saberes e currículo intercultural na EJA

Os estudos sobre cultura material têm ampliado as possibilidades de compreensão das relações estabelecidas entre os sujeitos, os objetos e os contextos socioculturais nos quais estão inseridos. No campo da História Cultural, a cultura material possibilita analisar os artefatos produzidos e utilizados pelos diferentes grupos sociais como elementos que expressam modos de vida, saberes, memórias e práticas construídas historicamente.

Nessa perspectiva, os objetos deixam de ser compreendidos apenas por sua funcionalidade e passam a ser interpretados como produções culturais que materializam conhecimentos, experiências e relações sociais. Para Burke (2005), a História Cultural busca compreender os significados atribuídos pelos sujeitos às suas práticas e representações, permitindo a análise dos elementos materiais produzidos nos diferentes contextos históricos.

Nesse sentido, os artefatos constituem importantes vestígios das experiências humanas, revelando aspectos das formas de organização social, dos saberes compartilhados e das identidades coletivas. De modo semelhante, Chartier (1990) destaca que as práticas culturais são produzidas em contextos específicos e devem ser compreendidas a partir das relações estabelecidas entre os sujeitos e suas formas de representação do mundo social.

A cultura material apresenta-se, portanto, como um campo de investigação que possibilita compreender a produção, a circulação, os usos e os significados atribuídos aos objetos pelos grupos sociais. Conforme Funari (2008), os artefatos materiais constituem fontes relevantes para a produção do conhecimento histórico, pois permitem analisar aspectos da vida cotidiana que muitas vezes não são registrados em documentos escritos. Os objetos carregam marcas das experiências humanas e revelam informações sobre os modos de viver, trabalhar, produzir e interagir socialmente.

Nessa mesma direção, Meneses (1997) argumenta que a cultura material deve ser compreendida como parte constitutiva das relações sociais, uma vez que os objetos participam ativamente da construção das memórias individuais e coletivas. Os artefatos não são elementos neutros, mas expressam valores, conhecimentos, identidades e formas de pertencimento produzidas pelos sujeitos em seus territórios. Assim, investigar a cultura material implica compreender os sentidos atribuídos aos objetos por aqueles que os produzem, utilizam e transmitem entre gerações. Nas Amazônias, os estudos sobre cultura material ganham relevância diante da diversidade de práticas culturais desenvolvidas pelas populações tradicionais.

Os saberes construídos nas relações com os rios, as florestas, os manguezais e os territórios costeiros são materializados em diferentes artefatos utilizados no cotidiano das comunidades. Conforme destacam Maciel, Neves e Silva Junior (2020), a cultura material nos múltiplos contextos amazônicos está diretamente relacionada às experiências dos sujeitos e aos conhecimentos produzidos em seus modos de vida, constituindo importantes referências para a compreensão das dinâmicas socioculturais existentes na região.

Entre os diversos contextos culturais presentes nas Amazônias, a pesca artesanal ocupa posição de destaque por representar uma atividade historicamente vinculada à sobrevivência, à identidade e à organização social de inúmeras comunidades. Mais do que uma prática econômica, a pesca constitui um conjunto de conhecimentos produzidos ao longo das gerações, envolvendo técnicas, experiências, formas de organização do trabalho e relações estabelecidas com a natureza.

Nesse contexto, os artefatos utilizados pelos pescadores integram um amplo universo cultural que expressa saberes construídos coletivamente e transmitidos entre diferentes gerações. Ao discutir as práticas cotidianas, Certeau (2014) destaca que os sujeitos reinventam constantemente seus modos de fazer, produzindo estratégias que lhes permitem atuar nos diferentes espaços sociais. No contexto da pesca artesanal, os pescadores desenvolvem conhecimentos específicos relacionados aos ciclos das marés, às características dos ambientes pesqueiros, aos períodos de reprodução das espécies e ao uso adequado dos instrumentos de captura.

Esses saberes orientam a utilização dos artefatos e contribuem para a permanência das práticas pesqueiras tradicionais nos territórios amazônicos. Entre os diversos artefatos presentes na cultura material da pesca artesanal, destaca-se a tarrafa, instrumento amplamente utilizado por pescadores em diferentes comunidades pesqueiras do litoral paraense. Sua utilização envolve conhecimentos técnicos, habilidades práticas e experiências adquiridas ao longo da convivência com outros pescadores e com o ambiente onde a pesca é realizada.

Dessa forma, a tarrafa não pode ser compreendida apenas como um objeto destinado à captura de peixes, mas como um artefato cultural que materializa saberes, memórias e formas de interação social construídas historicamente. Nessa perspectiva, a cultura material da pesca de tarrafa é constituída não apenas pelo artefato em si, mas também pelos conhecimentos mobilizados para sua confecção, manutenção e utilização. Os saberes relacionados à escolha dos locais de pesca, à observação das marés, aos períodos adequados para captura das espécies e às formas de manejo dos recursos naturais integram um conjunto de conhecimentos que fazem parte da experiência dos pescadores e pescadoras.

Conforme Cardoso (2017), a prática da pesca com tarrafa envolve um amplo conjunto de aprendizagens transmitidas entre gerações, constituindo-se como um patrimônio de conhecimentos que articula trabalho, cultura e modos de vida.

De modo semelhante, Neves et al. (2019) destacam que a tarrafa representa um importante elemento da cultura material pesqueira, uma vez que sua confecção e utilização mobilizam técnicas, habilidades e saberes tradicionais produzidos e compartilhados nas comunidades de pescadores artesanais.

De acordo com Maciel e Figueirêdo (2024), os artefatos da cultura material presentes nas práticas pesqueiras constituem importantes referências para a construção de currículos contextualizados com as realidades amazônicas. Ao reconhecer os objetos e os saberes produzidos nos territórios tradicionais como elementos de produção de conhecimento, amplia-se a possibilidade de diálogo entre os conhecimentos escolares e os conhecimentos construídos pelas comunidades. Nesse sentido, a análise da cultura material da pesca de tarrafa permite compreender não apenas as práticas culturais existentes na Vila dos Pescadores, mas também suas potencialidades para a construção de processos educativos comprometidos com a valorização das experiências locais.

No âmbito do currículo intercultural as discussões sobre currículo têm ocupado lugar de destaque nos debates educacionais contemporâneos, sobretudo quando relacionadas à diversidade cultural e às diferentes formas de produção do conhecimento presentes na sociedade. Para Silva (2017), o currículo não pode ser entendido como um instrumento neutro, uma vez que está diretamente relacionado às relações de poder presentes na sociedade. Os conhecimentos selecionados para compor os currículos escolares resultam de processos históricos, políticos e culturais que definem quais saberes serão reconhecidos como legítimos e quais permanecerão à margem das práticas educativas. Dessa forma, o currículo atua como um espaço de produção de identidades, valores e significados, influenciando a formação dos sujeitos e suas formas de compreender o mundo.

Nas Amazônia, essa discussão torna-se ainda mais relevante diante da diversidade de povos, culturas, territórios e formas de produção do conhecimento (currículos) existentes na região. As populações ribeirinhas, pesqueiras, quilombolas, indígenas e camponesas produzem saberes que emergem das experiências cotidianas e das relações estabelecidas com seus territórios. Entretanto, historicamente, muitos desses conhecimentos foram pouco considerados nos currículos escolares, que frequentemente privilegiam conteúdos distantes das realidades vividas pelos estudantes.

Tal contexto contribui para o distanciamento entre escola e comunidade, dificultando a construção de processos educativos que dialoguem com as experiências dos sujeitos. Nessa direção, a interculturalidade emerge como uma importante perspectiva para pensar os processos educativos em contextos marcados pela diversidade sociocultural. Fleuri (2009) compreende a interculturalidade como um processo de interação entre sujeitos, culturas e saberes distintos, fundamentado no respeito às diferenças e na valorização da pluralidade cultural. No campo educacional, o currículo intercultural busca estabelecer interfaces entre os conhecimentos escolares e os conhecimentos produzidos pelos sujeitos em seus contextos de vida.

Ao refletir sobre os currículos nas Amazônia, torna-se necessário considerar as especificidades dos territórios e das populações que os constituem. As comunidades pesqueiras, por exemplo, desenvolvem conhecimentos relacionados às marés, aos ciclos naturais, às espécies aquáticas, às técnicas de pesca e às formas de manejo dos recursos ambientais. Esses saberes são construídos ao longo de gerações e fazem parte da identidade cultural dos sujeitos que vivem nesses territórios.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) constitui uma modalidade da Educação Básica destinada aos sujeitos que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos na idade considerada regular. Seu fundamento legal está assegurado pela Lei nº 9.394/1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB), que reconhece a EJA como um direito educacional e estabelece a necessidade de garantir oportunidades apropriadas de escolarização aos jovens, adultos e idosos, considerando suas características, interesses, condições de vida e de trabalho (Brasil, 1996).

Entretanto, compreender a EJA apenas como uma oportunidade de escolarização tardia significa reduzir a complexidade dos sujeitos que a constituem. Trata-se de uma modalidade marcada pela diversidade de trajetórias de vida, experiências de trabalho, saberes culturais e conhecimentos construídos nos diferentes espaços sociais. Nesse sentido, a Resolução CNE/CEB nº 2, de 15 de maio de 2025, que institui as Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, reforça a necessidade de uma formação humana integral, inclusiva, equitativa e contextualizada, reconhecendo os saberes produzidos pelos sujeitos em seus territórios e experiências de vida (Brasil, 2025).

Nesse sentido, a EJA deve ser compreendida como um espaço de formação humana que reconhece e valoriza as experiências acumuladas pelos educandos ao longo de suas vidas. Historicamente, a EJA foi construída a partir de intensas lutas sociais em defesa do direito à educação para as populações excluídas dos processos de escolarização. Ao longo dos anos, essa modalidade passou a assumir um papel fundamental na promoção da cidadania, da inclusão social e da ampliação das oportunidades formativas para jovens, adultos e idosos. Contudo,

ainda enfrenta desafios relacionados à permanência dos estudantes, à valorização de suas experiências e à construção de currículos que dialoguem com suas realidades socioculturais.

Nesse contexto, as contribuições de Freire (1997) tornam-se fundamentais para pensar a educação de jovens e adultos. Para o autor, os sujeitos não chegam à escola desprovidos de conhecimentos; ao contrário, carregam consigo saberes construídos em suas vivências familiares, profissionais, comunitárias e culturais. Assim, o processo educativo deve partir do reconhecimento desses conhecimentos, promovendo relações pedagógicas fundamentadas no diálogo, no respeito às experiências dos educandos e na valorização de suas formas de compreender o mundo. A perspectiva freireana rompe com concepções tradicionais de ensino que compreendem os estudantes como receptores passivos do conhecimento. Em seu lugar, propõe uma educação comprometida com a participação ativa dos sujeitos, reconhecendo-os como produtores de saberes e protagonistas de seus processos formativos. Nessa concepção, ensinar não significa transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a construção coletiva do conhecimento a partir das experiências concretas dos educandos.

No contexto desta pesquisa, a EJA apresenta-se como um espaço para a valorização dos saberes produzidos na cultura material da pesca de tarrafa. Os conhecimentos relacionados aos artefatos pesqueiros, às técnicas de captura, aos territórios de pesca e às formas de interação com a natureza podem contribuir para a construção de práticas educativas que dialoguem com a realidade da Vila dos Pescadores.

Dessa forma, os saberes tradicionais deixam de ocupar uma posição secundária nos processos educativos e passam a ser reconhecidos como importantes referências para a produção do conhecimento escolar. Assim, pensar a Educação de Jovens e Adultos em comunidades pesqueiras amazônicas implica reconhecer os sujeitos em sua integralidade, valorizando suas histórias, experiências e conhecimentos. Mais do que garantir o acesso à escolarização, a EJA deve promover processos educativos capazes de fortalecer identidades culturais, ampliar possibilidades de participação social e construir diálogos entre os saberes produzidos nos territórios e os conhecimentos sistematizados pela escola. Nessa perspectiva, a valorização da cultura material da pesca de tarrafa e a proposição de currículos interculturais configuram-se como importantes caminhos para o fortalecimento de uma educação comprometida com as realidades e os modos de vida das comunidades tradicionais amazônicas.

METODOLOGIA

O lócus da pesquisa foi na Vila dos Pescadores, comunidade localizada no município de Bragança, nordeste do estado do Pará, inserida no território costeiro amazônico e próxima à Praia de Ajuruteua. A comunidade integra a região da Reserva Extrativista Marinha CaetéTaperçu (RESEX), área reconhecida pela diversidade ambiental e pela presença de populações tradicionais que desenvolvem atividades relacionadas à pesca artesanal e ao extrativismo.

Figura 1: Imagem da Vila dos Pescadores



Fonte: Acervo do pesquisador, 2026.

A Vila dos Pescadores possui sua história vinculada às práticas pesqueiras desenvolvidas por famílias que, ao longo de gerações, construíram modos de vida fundamentados na relação com o mar, os manguezais e os recursos naturais da região. Nesse território, os saberes sobre as marés, os ciclos da lua, os locais de pesca e os artefatos utilizados nas atividades pesqueiras são transmitidos entre gerações, constituindo importantes elementos da identidade cultural da comunidade.

Para a realização desta pesquisa, adotou-se a abordagem qualitativa fundamentada nos pressupostos da Nova História Cultural (NHC), perspectiva que possibilita compreender os fenômenos culturais a partir das experiências, práticas, representações e significados produzidos pelos sujeitos em seus contextos sociais. Conforme Burke (2005), a Nova História Cultural ampliou os objetos de investigação histórica, incorporando as experiências cotidianas dos sujeitos e valorizando aspectos relacionados às práticas culturais, às representações sociais e às múltiplas formas de produção do conhecimento. Nessa perspectiva, a pesquisa possibilitou compreender os saberes constituídos nas práticas da pesca de tarrafa e suas relações com a cultura material e com os currículos interculturais da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Quanto aos procedimentos metodológicos, a investigação caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida a partir do levantamento e análise de produções científicas relacionadas à cultura material, à pesca artesanal, ao currículo intercultural e à Educação de Jovens e Adultos, tendo como base autores como Chartier (1990; 1991), Certeau (2014), Burke (2005), Freire (1997), Fleuri (2009), Silva (2017), Maciel, Neves e Silva Junior (2020), entre outros.

A pesquisa documental envolveu a utilização de fotografias e imagens produzidas durante o trabalho de campo, compreendidas como fontes históricas e culturais capazes de evidenciar práticas, artefatos e modos de vida presentes na comunidade pesquisada. As fotografias registraram os artefatos da cultura material da pesca de tarrafa, dentre eles a própria

tarrafa, as canoas utilizadas nos deslocamentos para os locais de pesca, os espaços conhecidos como emburateua, além dos instrumentos empregados nos remendos e na manutenção dos artefatos pesqueiros. As imagens também possibilitaram documentar os territórios pesqueiros, as áreas de manguezal e os lugares onde tradicionalmente ocorria a prática do arrasto da tarrafa na Vila dos Pescadores. Conforme Burke (2017), as imagens constituem importantes evidências históricas, permitindo analisar aspectos culturais que nem sempre são captados por documentos escritos.

Esses registros visuais contribuíram para a compreensão dos saberes e das práticas culturais associadas à pesca de tarrafa, permitindo analisar as relações estabelecidas entre os sujeitos, os artefatos e os territórios das águas. Além disso, as fotografias auxiliaram na identificação de elementos que compõem a cultura material da pesca e serviram como suporte para as análises das representações culturais produzidas pelos pescadores e pescadoras sobre suas experiências de vida e trabalho

A pesquisa de campo foi realizada na comunidade Vila dos Pescadores, localizada no município de Bragança, estado do Pará, lócus desta investigação. A escolha da comunidade ocorreu em razão de sua forte relação com as atividades pesqueiras e com os saberes tradicionais vinculados ao uso da tarrafa. O trabalho de campo ocorreu em quatro momentos distintos. O primeiro ocorreu no dia 06 de fevereiro de 2026, quando foi realizado o mapeamento inicial da comunidade e a aproximação com os sujeitos participantes da pesquisa. Nessa etapa, buscou-se compreender aspectos históricos, culturais e sociais da Vila dos Pescadores, identificando as relações estabelecidas entre os moradores, o mar, os manguezais e as práticas pesqueiras.

Foi possível observar que a pesca ultrapassa a dimensão econômica, constituindo-se como elemento fundamental da identidade cultural da comunidade. O segundo momento ocorreu em 19 de fevereiro de 2026, ocasião em que foi realizada entrevista semiestruturada com uma pescadora da comunidade. Durante a pesquisa, observou-se que as atividades pesqueiras desempenham papel central na organização econômica e social da Vila dos Pescadores, garantindo a subsistência das famílias e contribuindo para a manutenção dos saberes tradicionais relacionados à pesca artesanal.

O terceiro momento ocorreu em 03 de junho de 2026, quando foram aprofundadas as informações relacionadas ao artefato cultural da tarrafa, seus modos de utilização e os conhecimentos necessários para sua prática. Essa etapa permitiu ampliar a compreensão sobre os saberes ativados pelos pescadores durante o exercício da pesca e sobre os significados atribuídos ao artefato no contexto da comunidade.

O quarto momento ocorreu em 10 de junho de 2026, destinado à complementação dos dados da pesquisa e à realização dos registros fotográficos utilizados como fontes de análise. Nessa etapa, foram produzidas imagens relacionadas aos artefatos da pesca, aos espaços de trabalho dos pescadores e aos contextos socioculturais presentes na comunidade. Os participantes da pesquisa foram uma pescadora e um pescador da comunidade, selecionados por desenvolverem práticas relacionadas à pesca de tarrafa e por possuírem conhecimentos sobre os saberes culturais vinculados a essa atividade.

Como instrumento de produção dos dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, por possibilitar maior flexibilidade no diálogo entre pesquisador e participantes, permitindo que os sujeitos expressassem livremente suas experiências, memórias e conhecimentos. Para o registro das entrevistas, foi utilizado gravador de áudio, possibilitando posteriormente a transcrição integral das falas.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), garantindo os princípios éticos da pesquisa e a autorização para utilização das informações produzidas durante o estudo. Após a produção dos dados, realizou-se a transcrição das entrevistas e a organização dos registros fotográficos. Enquanto resultados da pesquisa, segue a conduta regulamentada pelo Comitê de Ética com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE). Nº.82198324.2.0000.0018, aprovado na Plataforma Brasil no ano de 2024.

A técnica de análise dos dados foi fundamentada nas representações culturais propostas por Chartier (1990; 1991), compreendendo que os sujeitos atribuem sentidos e significados às suas práticas, experiências e objetos culturais. Nesse sentido, buscou-se analisar as representações construídas pelos pescadores acerca da pesca de tarrafa, dos saberes tradicionais e dos artefatos que compõem a cultura material da comunidade. Complementarmente, dialogasse com Certeau (2014), especialmente na compreensão das práticas cotidianas e dos modos de fazer desenvolvidos pelos sujeitos em suas relações com os artefatos da pesca. Dessa forma, a análise possibilitou compreender os significados atribuídos à tarrafa enquanto elemento da cultura material e suas potencialidades para a construção de currículos interculturais voltados à Educação de Jovens e Adultos na Vila dos Pescadores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar a cultura material da pesca de tarrafa na Vila dos Pescadores, em Bragança, estado do Pará, buscamos compreender os saberes, as práticas culturais e os significados atribuídos pelos sujeitos aos artefatos utilizados em suas atividades pesqueiras. A investigação permitiu identificar que a tarrafa ultrapassa a condição de simples instrumento de trabalho, constituindo-se como elemento cultural carregado de memórias, experiências e conhecimentos transmitidos entre gerações.

Figura 2: Imagem da Vila dos Pescadores



Fonte: Acervo do Pesquisador.

A Vila dos Pescadores, comunidade localizada no município de Bragança, nordeste do estado do Pará, cuja formação histórica está diretamente relacionada à ocupação do litoral amazônico por populações tradicionais que estabeleceram suas formas de vida em estreita relação com o mar e os manguezais.

Essa comunidade aqui nem sempre foi nesse lugar onde ela tá hoje. Antigamente o pessoal morava lá na antiga Vila de Ajuruteua, mas o mar foi avançando aos poucos. Todo ano a maré ficava mais forte e ia derrubando as casas dos pescadores. Muita gente perdeu o que tinha construído com esforço e começou a ficar com medo de perder tudo de vez. Aí a comunidade começou a procurar um lugar mais seguro para morar, longe da força da maré. Foi quando apareceu a oportunidade de vir para uma área chamada Vila dos Pescadores, que fica mais ou menos a um quilômetro da antiga vila. Esse terreno era conhecido por pertencer à família Melo, descendente dos primeiros moradores da região. Não foi uma mudança fácil, porque teve muita discussão e desacordo sobre as terras, envolvendo particulares e o poder público. Mas depois de muitas conversas, começou o processo de assentamento das famílias que tinham perdido suas casas por causa da erosão. Eu lembro que os mais velhos contam que as primeiras famílias começaram a se instalar aqui no dia 20 de outubro de 1995. Entre os primeiros moradores estavam o senhor Salustiano Pinheiro de Assis e o senhor José Tibúrcio da Silva. Foi assim que nasceu a nova comunidade, que passou a ser chamada de Vila dos Pescadores [...] (PESCADOR 1, Ageu, 2026).

Ao longo de sua trajetória, a comunidade consolidou-se como um território marcado pela pesca artesanal, atividade que historicamente garantiu a subsistência das famílias e contribuiu para a construção de identidades culturais vinculadas aos saberes das águas. A

proximidade com os ecossistemas costeiros favoreceu a constituição de conhecimentos tradicionais relacionados à pesca, ao comportamento das marés, aos ciclos naturais e ao uso de diferentes artefatos empregados nas práticas pesqueiras. Esses saberes são transmitidos entre gerações e integram o cotidiano dos moradores, constituindo importantes elementos da cultura local.

Durante muitos anos, a comunidade manteve características próprias de organização social, fundamentadas nas relações de cooperação, solidariedade e compartilhamento de conhecimentos entre as famílias. Mesmo diante das transformações decorrentes da ampliação do acesso à região e das novas dinâmicas econômicas estabelecidas no litoral bragantino, a Vila dos Pescadores continua preservando práticas culturais associadas à pesca artesanal e aos modos de vida tradicionais.

Atualmente, a comunidade integra o território da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu¹, espaço reconhecido pela relevância ambiental, social e cultural das populações tradicionais que nele vivem. Nesse contexto, a Vila dos Pescadores constitui-se como um importante território de produção de saberes, memórias e práticas culturais, revelando a estreita relação entre os sujeitos, a natureza e os artefatos utilizados nas atividades pesqueiras.

Após a caracterização da comunidade, apresentamos os participantes da pesquisa, cujas narrativas contribuíram para a compreensão da cultura material da pesca de tarrafa na Vila dos Pescadores.

Quadro 1. Identidade dos Pescadores

Nome	Idade	Tempo de Atuação	Comunidade
Dona Maria	52 anos	40 anos	Vila dos Pescadores
Ageu	44 anos	36 anos	Vila dos Pescadores

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2026).

A primeira entrevistada foi Dona Maria Antônia de Sousa, pescadora residente na Vila dos Pescadores, detentora de conhecimentos construídos ao longo de sua trajetória de vida nas atividades pesqueiras desenvolvidas na comunidade. Seus saberes estão relacionados às práticas tradicionais da pesca artesanal, aos conhecimentos das marés e às experiências compartilhadas entre as famílias que vivem dos recursos das águas.

O segundo entrevistado foi Ageu Mescouto Melo, pescador da Vila dos Pescadores, reconhecido na comunidade por sua experiência com as atividades pesqueiras e pelos conhecimentos relacionados ao uso da tarrafa. Sua trajetória está vinculada às práticas tradicionais da pesca artesanal, desenvolvidas em estreita relação com os territórios das águas e com os saberes transmitidos entre gerações.

Observamos que ambos os entrevistados residem há vários anos na comunidade e possuem ampla experiência nas práticas pesqueiras desenvolvidas na Vila dos Pescadores. Os

¹ A Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu, uma importante unidade de conservação federal localizada no município de Bragança, na região nordeste do estado do Pará. A região é fortemente moldada pelo Rio Caeté, que dá à Bragança o carinhoso apelido de "Pérola do Caeté".

saberes construídos ao longo de suas trajetórias estão diretamente relacionados à pesca artesanal, aos conhecimentos das marés, aos territórios pesqueiros e ao uso dos artefatos empregados na captura do pescado. As experiências narradas pelos participantes revelam conhecimentos constituídos no cotidiano das atividades pesqueiras, transmitidos entre gerações e mantidos vivos por meio das práticas culturais desenvolvidas na comunidade.

Nesse sentido, tais saberes contribuem para a construção das identidades dos sujeitos, uma vez que, conforme Hall (2006), as identidades são produzidas a partir das experiências culturais e das relações estabelecidas ao longo da vida. De modo semelhante, Woodward (2014) afirma que a identidade é construída socialmente por meio dos significados atribuídos às vivências dos sujeitos em seus contextos culturais. Assim, os conhecimentos relacionados à pesca artesanal, às marés, aos territórios pesqueiros e aos artefatos da pesca não representam apenas técnicas de trabalho, mas elementos que fortalecem o sentimento de pertencimento à comunidade e reafirmam a identidade cultural dos pescadores e pescadoras.

Os saberes relacionados à pesca artesanal são construídos e transmitidos por meio das experiências vividas pelos sujeitos em seus contextos culturais. Nas comunidades pesqueiras amazônicas, a aprendizagem das práticas de pesca ocorre, em grande medida, no âmbito familiar e comunitário, onde conhecimentos, técnicas e modos de fazer são compartilhados entre diferentes gerações. Nesse sentido, a cultura material da pesca está diretamente associada às experiências cotidianas dos pescadores e pescadoras, constituindo importantes processos educativos que ultrapassam os espaços formais de escolarização.

Ao ser questionada sobre sua trajetória na pesca, a entrevistada relatou:

Trabalho na pesca desde os 12 anos e já faz 40 anos que estou nesse ramo, eu queria ter ido mais cedo, só que meu pai falava que era muito perigoso, eu aprendi a pescar com meu pai, e aprendi a nadar, ele falava que só me levaria depois que eu aprendesse a nadar. Ele me ensinou a fazer vários tipos de pesca como a pescaria de rede, de espinhel, de linha, de puçá e de tarrafa. Eu pescava muito com meu pai, os mesmos tipos de pescas que os homens achavam difícil, teve uma época que os homens da comunidade me chamavam de “Maria machinho” porque eu gostava de pescar muito de tarrafa que era uma pescaria para homem porque tinha que cair na água e era arriscado demais, falavam para o meu pai que eu não ia arrumar marido por conta disso [...] (PESCADORA 1, Dona Maria, 2026).

A narrativa da entrevistada evidencia que sua aprendizagem com a pesca foi construída a partir das relações familiares, sendo transmitida de geração para geração por meio das experiências compartilhadas entre pai e filha. Os conhecimentos adquiridos ao longo de aproximadamente quarenta anos de atuação na atividade pesqueira demonstram que a formação dos sujeitos das comunidades tradicionais não ocorre exclusivamente em espaços escolares, mas também nos territórios das águas, onde os saberes são produzidos e ressignificados no cotidiano das práticas culturais.

Observa-se ainda que o trabalho desenvolvido pela entrevistada não se restringe ao uso da tarrafa, mas envolve uma diversidade de técnicas pesqueiras, como a pesca de rede, de espinhel, de linha e de puçá. Esses conhecimentos revelam a complexidade dos saberes construídos nas comunidades pesqueiras, evidenciando que a cultura material da pesca é

constituída por diferentes artefatos, práticas e modos de fazer que orientam a relação dos sujeitos com o mar, os rios e os manguezais.

As experiências narradas pela pescadora aproximam-se das reflexões de Certeau (2014), ao afirmar que os sujeitos constroem conhecimentos a partir das práticas cotidianas e dos modos de fazer presentes em seus contextos sociais. Nessa perspectiva, a pesca não representa apenas uma atividade econômica, mas também um espaço de produção de saberes, memórias e identidades culturais. Da mesma forma, Maciel, Neves e Silva Junior (2020) destacam que os artefatos e as práticas culturais desenvolvidas nos contextos amazônicos constituem importantes elementos da cultura material, produzindo conhecimentos que são transmitidos entre gerações e permanecem vivos nas experiências dos sujeitos.

Outro aspecto relevante presente na narrativa refere-se às relações de gênero estabelecidas no universo da pesca artesanal. Ao relatar que era chamada de “Maria machinho” por exercer atividades consideradas masculinas, a entrevistada evidencia a existência de representações sociais que historicamente associam determinadas práticas pesqueiras aos homens.

Nesse sentido, sua trajetória revela processos de resistência às divisões tradicionais do trabalho, demonstrando que as mulheres também ocupam espaços de protagonismo nas atividades pesqueiras. Essa realidade pode ser compreendida a partir das contribuições de Chartier (1990), ao destacar que as representações culturais são construídas socialmente e produzem sentidos sobre os papéis atribuídos aos sujeitos.

A ideia de que a pesca de tarrafa seria uma atividade exclusivamente masculina constitui uma representação cultural produzida no interior da comunidade, mas que é tensionada pela experiência da entrevistada, que rompe com esses limites ao participar ativamente das práticas pesqueiras. Os dados obtidos na pesquisa demonstram, portanto, que os saberes da pesca não são determinados pelo gênero, mas pelas experiências, aprendizagens e relações construídas pelos sujeitos em seus territórios culturais.

A cultura material da pesca é constituída por um conjunto de artefatos, objetos e conhecimentos que possibilitam a realização das práticas pesqueiras nos diferentes territórios das águas. Mais do que simples instrumentos de trabalho, esses objetos carregam saberes, memórias e experiências produzidas historicamente pelos sujeitos em seus contextos culturais.

Nesse sentido, a tarrafa constitui um importante artefato da cultura material da pesca artesanal, pois sua utilização mobiliza conhecimentos relacionados à sua confecção, manutenção, uso e conservação.

Figura 3: Imagem da Tarrafa



Fonte: Pesquisa de campo (2026).

Ao serem questionados sobre a prática pesqueira com a tarrafa e os materiais utilizados em sua composição, os entrevistados relataram:

A gente usava mais a tarrafa porque era uma pescaria aqui perto da praia, não tinha que ir para longe. A tarrafa era um material fácil de conseguir comprar nessa época, porque era uma rede feita de náilon número 09, uma corda de rabo de tatu para as beiradas dela e uma para o rabo, tinha chumbo para colocar nas beiradas da tarrafa, o tamanho dela é de 04 a 05 metros de diâmetro porque ela é uma rede no formato de círculo, ela custava em torno de 200 reais nessa época, hoje em dia uma rede dessas está custando 600 reais. (PESCADORA 1, Dona Maria, 2026).

Quando minha tarrafa danificava, eu remendava igual quando estamos tecendo as redes malhadeiras, eu uso uma agulha de plástico, com o mesmo número que a espessura da tarrafa é feita, faço uma pequena triangulação e vou fazendo o conserto, na verdade a tarrafa é um artefato da pesca que tem um bom custo-benefício porque ela não danifica com facilidade, você compra uma tarrafa por 600 e até 800 reais, você a usa cerca de 05 a 10 anos. (PESCADOR 1, Ageu, 2026).

Nas narrativas dos entrevistados, observa-se que a prática pesqueira com a tarrafa não se resume ao uso de um único objeto, mas envolve um conjunto de elementos materiais que possibilitam sua utilização. Entre esses artefatos destacam-se o náilon número 09, os chumbos, as cordas utilizadas em sua estrutura, a agulha de plástico empregada nos remendos e os demais materiais necessários para sua manutenção. Dessa forma, a tarrafa constitui um sistema de objetos interdependentes que, articulados entre si, permitem a realização da atividade pesqueira.

A partir dessa perspectiva, a cultura material não pode ser compreendida apenas pela existência física dos objetos, mas também pelos significados e pelas representações construídas pelos sujeitos em suas relações cotidianas com esses artefatos. Para Funari (1993; 2008), os objetos constituem importantes fontes de interpretação histórica e cultural, pois revelam modos de vida, experiências sociais e conhecimentos produzidos pelos diferentes grupos humanos. Nessa direção, a tarrafa deixa de ser apenas um instrumento utilizado para capturar peixes e passa a representar um conjunto de saberes, memórias e práticas construídas historicamente pelos pescadores da Vila dos Pescadores. Assim, a tarrafa pode ser compreendida tanto por sua materialidade quanto pelas representações que os sujeitos constroem sobre ela em seus modos de viver, trabalhar e produzir conhecimentos.

Os relatos também demonstram que os pescadores possuem conhecimentos específicos acerca da composição, das medidas, da durabilidade e dos processos de reparo da tarrafa. Esses saberes não são aprendidos em manuais técnicos ou em instituições formais de ensino, mas construídos a partir das experiências cotidianas e das práticas desenvolvidas no contexto da pesca artesanal. O conhecimento sobre os materiais adequados, a espessura do náilon, a distribuição dos chumbos e as técnicas de remendo evidencia a existência de um saber técnicocultural produzido pelos próprios sujeitos da comunidade.

As falas dos interlocutores sobre os territórios onde ocorrem essa prática com a tarrafa:

A gente ia remando para essa pescaria, mas para fazer essa prática tinha que ser na maré vazando e na época de lua, porque nessa época de lua são os dias que a maré cresce mais e seca bastante, na maré de quarto não cresce tanto e nem seca aí ficava muito fundo e não dava para pescar. A gente saía cerca de 2 mil metros de distância da praia, meu pai tinha uma canoa que sempre usamos para fazer esse trajeto. O local onde acontecia a pescaria a gente chama de emburateua porque lá tem muito pau no fundo da maré e os peixes ficavam entre esses paus, quando a gente chegava no pesqueiro, saímos de dentro da canoa pra dentro da maré, procurávamos uma área que a maré ficasse com um metro de fundura, pegávamos a tarrafa e abríamos ela e saímos arrastando até engatar nos paus no fundo, quando ela engatava a gente ia recorrer toda a beira dela pra ver se ela cobriu todo os paus pra não deixar os peixes escaparem, a gente ia metendo a mão por cima da tarrafa e íamos pegando os peixes que estavam em baixo dela, ela é um tipo de rede que pega uma variedade muito grande de peixe. (PESCADORA 1, Dona Maria, 2026).

a pescaria que a gente mais fazia era de tarrafa porque nessa época o meu pai não podia sair para longe por conta que estava em final de carreira. A pescaria de tarrafa funciona da seguinte forma, a gente saía de canoa daqui da praia, remava cerca de um ou dois quilômetros até chegar no emburateua, que é um lugar onde tem muito pau, muitas arvores do manguezal, e é um ótimo lugar para os peixes ficarem escondidos, chegando lá a gente não demorava muito porque só arrastávamos na lua crescente que é um tempo em que a maré cresce muito e entra dentro do mangue, mas por outro lado ela seca muito e o emburateua fica com uma braça de fundura, na hora da pescaria eu abria a tarrafa e saía arrastando com meu pai, a gente cobria uma tronqueira de pau, fazia o recorrimto da tarrafa para ver se estava tudo prezo no fundo, aí a gente pegava os peixes que estavam presos de baixo dela, era muito rápido essa pescaria demorava cerca de 02 horas de tempo. (PESCADOR 1, Ageu, 2026).

As narrativas dos entrevistados evidenciam que a prática pesqueira com a tarrafa está diretamente relacionada aos conhecimentos construídos pelos pescadores sobre os territórios das águas, os ciclos das marés e os períodos lunares. A escolha do local da pesca, o momento adequado para sua realização e as estratégias utilizadas durante a captura dos peixes demonstram que essa atividade não ocorre de maneira aleatória, mas é orientada por saberes tradicionais acumulados ao longo das experiências vividas na comunidade. Nas falas da Pescadora 1 e do Pescador 1, observa-se que o território denominado "Emburateua" é reconhecido como um espaço estratégico para a realização da pesca de tarrafa, devido à presença de troncos, raízes e árvores do manguezal que servem de abrigo para diferentes espécies de peixes. Além disso, os entrevistados destacam a importância do conhecimento sobre as fases da lua e o movimento das marés, fatores que determinam as condições adequadas para a prática pesqueira. Esses saberes são transmitidos entre gerações e constituem parte significativa da cultura das comunidades pesqueiras amazônicas.

Nesse contexto, os peixes capturados pelos pescadores não representam apenas recursos naturais, mas elementos que participam da organização social, econômica e cultural das comunidades. Do mesmo modo, Maciel, Neves e Silva Junior (2020) destacam que as práticas produtivas desenvolvidas nas Amazônias são atravessadas por conhecimentos tradicionais construídos nas relações entre trabalho, cultura e natureza.

Os participantes da pesquisa ao serem questionados sobre quais os peixes capturados pela tarrafa, e a forma como eles eram usados responderam:

Os peixes que a gente pegava eram o bagre, o pacamú, a tainha, a corvina, a pescada, o banderado, o bragalhão, o niquim e a gurijuba. Esses peixes a gente pescava tanto para consumo próprio quanto para a venda, porque tinha uma procura grande pelo pescado, os peixes eram classificados para com os preços para serem vendidos, o bagre, o pacamú, a tainha e o banderado custam entre 15 e 18 reais o quilo, a corvina custa 20 reais o quilo, a pescada era mais procurada e custava 25 o quilo as vezes chegava até 30 reais dependendo do tamanho e a gurijuba que entre 20 e 25 reais o quilo. (PESCADORA 1, Dona Maria, 2026).

Os peixes que a gente pega são: o bagre, pescada, pacamú, caíca, corvina, gurijuba, bragalhão, arraia e o peixe sapo que é aquele niquim. No começo eu pescava só para consumo próprio, mas depois que eu arrumei mulher e tive dois filhos comecei vender os peixes que capturava, mas deixava para a boia. O bagre era de 15 a 18 reais o quilo, a pescada eu vendia de 30 reais o quilo, as vezes era 27, o pacamú era entre 15 e 18 reais, a caíca eu vendo de 10 reais o quilo, a corvina era 20 as vezes 25, a gurijuba é 20 até 25 dependendo da época, o bragalhão era 18 a 20 reais, a arraia eu não trazia para vender e nem o niquim. (PESCADOR 1, Ageu, 2026).

As narrativas dos entrevistados mostram que a diversidade de espécies capturadas por meio da pesca com tarrafa, entre elas o bagre, pacamú, tainha, corvina, pescada, bandeirado, bragalhão, gurijuba, caíca, arraia e niquim. Os relatos demonstram que a prática pesqueira atendia tanto às necessidades de consumo familiar quanto à comercialização do pescado, constituindo uma importante estratégia de subsistência para os moradores da Vila dos

Pescadores. Observa-se que os pescadores possuem amplo conhecimento sobre as espécies capturadas e seus respectivos valores de mercado.

Esse conhecimento envolve não apenas a identificação dos peixes, mas também a classificação comercial do pescado, considerando fatores como tamanho, procura e período de comercialização. Tais saberes são construídos a partir das experiências cotidianas dos sujeitos e de sua inserção histórica nas atividades pesqueiras da comunidade. As falas também revelam que a pesca ultrapassa a dimensão alimentar e assume papel fundamental na economia familiar.

O relato da Pescadora 1 demonstra que a necessidade de sustentar a família contribuiu para que a atividade deixasse de ser voltada apenas ao consumo doméstico e passasse a integrar estratégias de geração de renda. Nesse sentido, a pesca artesanal configura-se como uma prática de trabalho que articula produção, sustento e reprodução social das famílias pesqueiras.

Quadro 2: Tipos de Peixes e seus Valores

Tipos de Peixes	Valores
Bagre	15 a 18 reais
Pacamú	15 a 18 reais
Tainha	15 a 18 reais
Banderado	15 a 18 reais
Corvina	20 a 25 reais
Pescada	25 a 30 reais
Gurijuba	20 a 25 reais

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2026).

Os dados apresentados no Quadro 2 demonstram que os valores atribuídos aos peixes capturados na pesca de tarrafa variam de acordo com a espécie, evidenciando que o pescado possui diferentes níveis de valorização econômica no mercado local. Entre as espécies identificadas pelos entrevistados, o bagre, o pacamú, a tainha e o banderado apresentam valores entre R\$ 15,00 e R\$ 18,00 por quilograma, enquanto a corvina e a gurijuba alcançam valores entre R\$ 20,00 e R\$ 25,00. A pescada destaca-se como a espécie de maior valor comercial, podendo atingir entre R\$ 25,00 e R\$ 30,00 por quilograma.

Essa diferenciação de preços está relacionada à procura do mercado consumidor, à disponibilidade das espécies e às características de cada peixe, como tamanho, qualidade da carne e aceitação comercial. Os relatos dos pescadores demonstram que o conhecimento sobre os valores do pescado faz parte dos saberes construídos na experiência da pesca, orientando decisões sobre captura, comercialização e geração de renda para as famílias da comunidade.

Ao abordarem sobre os riscos inerentes à pesca de arrasto com a tarrafa, os entrevistados afirmaram que:

Você percebeu que eu não falei o valor do niquim, ele não é classificado porque a gente nem trazia ele da maré, ele é um peixe muito venenoso, e dá muito

nesses locais de pesca próximos ao emburateua, foi esse peixe que fez o arrasto da tarrafa desaparecer da praia, hoje em dia os pescadores daqui da Vila dos Pescadores usam a tarrafa apenas para pegar iscas para pescar de espinhel e linha. Há uns dez anos atrás esse peixe niquim começou a aparecer com muita frequência na hora da pescaria, e ele tem tipo uns espinhos na costa e ferrava os pescadores, o veneno desse peixe fazia os pescadores ficarem com muita febre, dores no corpo, e a pessoa ficavam com dificuldades de respirar. Ficou tão frequente que os pescadores pararam de pescar, o que fez pararem de vez foi há 10 anos que esse peixe venenoso ferrou 04 pescadores e eles morrerão, e os demais pescadores ficaram com medo de acontecer o mesmo e pararam de fazer o arrasto da tarrafa, inclusive eu sou um deles. (PESCADORA 1, Dona Maria, 2026).

Esse peixe niquim fez os pescadores pararem de pescar de arrasto de tarrafa, a tarrafa foi deixada de lado para que os pescadores não perdessem a vida nessa pescaria, um tempo atrás morreram quatro pescadores por conta que o niquim os ferrou. Essa prática sempre foi arriscada, por conta que era no meio dos paus, mas ficou pior quando esse peixe chegou em cardume aqui perto da praia, ele fica no meio das tronqueiras no emburateua. O meu pai disse que pegaram um que estava cheio de filhotes de bagre na barriga, o niquim se alimenta desses filhotes, o complicado é que o niquim não tem um predador natural pelo fato de ser venenoso. Hoje em dia a pescaria da tarrafa, passou de arrasto para a tarrafiada, a tarrafiada é uma de jogar a tarrafa em cima dos peixes pequenos, pegamos só sardinha para usar de isca para pescar de espinhel. (PESCADOR 1, Ageu, 2026).

Os relatos evidenciam que a pesca de arrasto com a tarrafa passou por profundas transformações na Vila dos Pescadores. Segundo os entrevistados, a presença cada vez mais frequente do peixe niquim nos locais tradicionalmente utilizados para a pesca provocou mudanças significativas na realização dessa prática. Considerado pelos pescadores como um peixe perigoso devido ao seu veneno, o niquim² passou a representar um risco constante à saúde e à vida daqueles que realizavam o arrasto da tarrafa nos territórios conhecidos como emburateua. O medo gerado pelos acidentes envolvendo o niquim contribuiu para o abandono gradual dessa modalidade de pesca. A morte de quatro pescadores, mencionada pelos entrevistados, aparece como um marco na memória da comunidade, sendo apontada como um dos principais fatores que levaram ao desaparecimento da prática do arrasto da tarrafa.

Nesse sentido, a memória dos pescadores permite compreender como determinados acontecimentos produzem mudanças nos modos de vida e nas práticas culturais desenvolvidas ao longo das gerações. De acordo com Freitas (2006), os relatos orais possibilitam acessar experiências e acontecimentos que muitas vezes não estão registrados em documentos escritos, mas permanecem vivos nas lembranças dos sujeitos. Da mesma forma, Meihy e Holanda (2023) destacam que a história oral permite compreender os significados atribuídos pelos

² O peixe-niquim (*Thalassophryne nattereri*) é uma espécie peçonhenta de pequeno porte extremamente comum nos estuários, manguezais e águas rasas do Norte e Nordeste do Brasil, incluindo a região de Bragança e a RESEX de Caeté-Taperaçu. Ele é amplamente temido por banhistas, marisqueiras e pescadores devido ao seu comportamento camuflado e ao seu veneno potente.

interlocutores aos acontecimentos vividos, valorizando suas interpretações sobre a realidade social.

As falas também evidenciam que as práticas culturais não são permanentes, mas se adaptam às novas condições encontradas pelos sujeitos em seus territórios. O abandono do arrasto da tarrafa e a adoção da chamada "tarrafiada", utilizada atualmente para a captura de pequenas iscas destinadas à pesca de espinhel e linha, demonstram a capacidade dos pescadores de reorganizarem suas atividades diante dos desafios encontrados no ambiente pesqueiro. Tal constatação aproxima-se das reflexões de Chartier (1991), ao destacar que as práticas sociais são constantemente ressignificadas pelos sujeitos a partir das experiências e representações construídas em seus contextos históricos.

A cultura da pesca não se restringe aos aspectos produtivos ou econômicos. Ela envolve memórias, identidades, sentimentos de pertencimento e modos de interpretar o mundo construídos ao longo das trajetórias de vida dos sujeitos. Nessa perspectiva, os artefatos da pesca e as práticas associadas a eles assumem significados que ultrapassam sua funcionalidade material, tornando-se elementos constitutivos das histórias de vida, das experiências e das representações construídas pelos pescadores sobre si mesmos e sobre suas comunidades.

Os relatos dos pescadores permitem compreender que a pesca de tarrafa não representa apenas uma atividade de trabalho. Ela constitui um patrimônio de memórias, identidades, experiências e saberes tradicionais que conectam passado e presente, reforçando a necessidade de valorização desses conhecimentos nos currículos interculturais da Educação de Jovens e Adultos, de modo que as histórias de vida dos pescadores sejam reconhecidas como fontes legítimas para a produção do conhecimento escolar.

A seguir, apresento, a partir dos saberes e artefatos da pesca de tarrafa na Vila dos Pescadores, conhecimentos que podem ser desenvolvidos nas turmas da Educação de Jovens e Adultos, articulando os saberes tradicionais dos pescadores com os conhecimentos escolares:

- Conhecimentos sobre os ciclos das marés (maré cheia, vazante, maré de quarto e influência da lua) na prática da pesca de tarrafa;
- Relação entre as fases da lua e os períodos adequados para a realização da pesca de tarrafa;
- Conhecimentos sobre os territórios pesqueiros utilizados na pesca de tarrafa na Vila dos Pescadores;
- Estudo dos manguezais e sua importância ambiental para as espécies capturadas pela tarrafa;
- Conhecimentos sobre o local denominado "Emburateua" como território tradicional da pesca de tarrafa;
- Identificação e classificação das espécies de peixes capturadas por meio da tarrafa;
- Cadeias alimentares e relações ecológicas envolvendo as espécies pescadas com a tarrafa;
- Conhecimentos sobre peixes venenosos e os riscos ocupacionais presentes na pesca de tarrafa;

- História e memória da comunidade da Vila dos Pescadores associadas à prática da pesca de tarrafa;
- Saberes tradicionais transmitidos entre gerações sobre o uso e manejo da tarrafa;
- Cultura material da pesca de tarrafa e seus artefatos (tarrafa, chumbo, náilon, cordas e agulhas de remendo);
- Técnicas de confecção, manutenção, conservação e remendo da tarrafa;
- Conhecimentos matemáticos relacionados às medidas, ao diâmetro, ao comprimento e às proporções da tarrafa;
- Geometria presente no formato circular da tarrafa e em sua estrutura de funcionamento;
- Comercialização dos peixes capturados pela tarrafa, preços e geração de renda familiar;
- Relações de trabalho presentes na prática da pesca de tarrafa nas comunidades pesqueiras;
- Questões de gênero na pesca de tarrafa e a participação das mulheres nas atividades pesqueiras em relação aos homens;
- Memória, identidade e pertencimento construídos a partir das experiências com a pesca de tarrafa;
- Produção de narrativas orais e registros das histórias de vida relacionadas à pesca de tarrafa;
- Vocabulário, expressões e dialetos utilizados nas práticas culturais da pesca de tarrafa.

Desse modo, a cultura material da pesca de tarrafa evidencia uma diversidade de saberes, práticas e conhecimentos produzidos historicamente pelos pescadores da Vila dos Pescadores. Os resultados da pesquisa demonstram que essa cultura material é constituída por diferentes artefatos, dentre eles a própria tarrafa, os chumbos, os nylons, as cordas, as agulhas utilizadas nos remendos, as canoas e outros instrumentos empregados nas atividades pesqueiras. Esses objetos não podem ser compreendidos apenas como ferramentas de trabalho, mas como elementos que materializam memórias, experiências e conhecimentos construídos ao longo das gerações.

Tais conhecimentos podem subsidiar a construção de currículos interculturais na Educação de Jovens e Adultos, possibilitando que as experiências dos sujeitos, seus modos de vida, memórias e práticas culturais sejam reconhecidos como elementos legítimos para a produção do conhecimento escolar. Nessa perspectiva, Fleuri (2011) defende que a interculturalidade promove o diálogo entre diferentes saberes e culturas, valorizando as identidades dos grupos historicamente invisibilizados pelos currículos escolares. Assim como, Torres Santomé (1998) argumenta que a construção curricular deve considerar os contextos socioculturais dos educandos, incorporando conhecimentos produzidos nas experiências cotidianas e nos diferentes territórios de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a cultura material da pesca de tarrafa no currículo intercultural da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Vila dos Pescadores,

município de Bragança, estado do Pará, buscando compreender os saberes, práticas culturais e conhecimentos produzidos pelos sujeitos que vivenciam cotidianamente essa atividade pesqueira. Partiu-se do entendimento de que as comunidades tradicionais amazônicas produzem conhecimentos que extrapolam os espaços escolares e que, muitas vezes, permanecem invisibilizados nos currículos oficiais.

Ao longo da investigação, constatou-se que a pesca de tarrafa constitui uma importante manifestação da cultura material da comunidade pesquisada, uma vez que envolve um conjunto de artefatos, técnicas, conhecimentos ambientais, memórias e experiências construídas historicamente pelos pescadores e pescadoras. Os relatos dos interlocutores evidenciaram que a aprendizagem da pesca ocorre por meio das relações familiares e comunitárias, sendo transmitida entre gerações através da oralidade, da observação e da prática cotidiana.

Os resultados demonstraram que os artefatos utilizados na pesca de tarrafa, como a própria tarrafa, os náilons, os chumbos, as cordas e os instrumentos empregados nos remendos, constituem elementos significativos da cultura material local. Esses objetos não podem ser compreendidos apenas por sua função utilitária, pois carregam sentidos, memórias e representações construídas pelos sujeitos que os produzem e utilizam.

A investigação também evidenciou transformações ocorridas nas práticas pesqueiras ao longo do tempo. Entre elas, destaca-se a diminuição da prática do arrasto de tarrafa, associada aos riscos enfrentados pelos pescadores, especialmente em decorrência do aumento da presença do peixe niquim nos locais tradicionalmente utilizados para a pesca. Tal situação demonstra como fatores ambientais e sociais influenciam diretamente a continuidade ou a modificação dos saberes tradicionais, exigindo constantes adaptações dos sujeitos em seus modos de fazer.

Em relação à questão-problema da pesquisa, que buscou compreender em que medida os conhecimentos sobre os artefatos da cultura material da pesca de tarrafa podem contribuir para a construção de currículos interculturais na EJA, os resultados permitem afirmar que esses conhecimentos possuem grande potencial pedagógico. Os saberes produzidos pelos pescadores e pescadoras podem subsidiar práticas curriculares contextualizadas, valorizando os conhecimentos locais e promovendo o diálogo entre os saberes da comunidade e os conhecimentos escolares.

Assim, a pesquisa confirma que a cultura material da pesca de tarrafa constitui uma importante referência para a construção de currículos interculturais voltados à realidade amazônica. Nesse sentido, os conhecimentos identificados durante a pesquisa como os saberes sobre marés, fases da lua, territórios pesqueiros, biodiversidade, classificação dos peixes, técnicas de captura, medidas utilizadas na confecção e manutenção dos artefatos e as memórias associadas à prática pesqueira podem ser incorporados às práticas pedagógicas da EJA, fortalecendo processos educativos mais significativos, críticos e contextualizados.

Por fim, enquanto pesquisador, compreendo que esta investigação ultrapassa a produção acadêmica e assume também um compromisso social com a valorização dos modos de vida das comunidades pesqueiras amazônicas. A convivência com os interlocutores permitiu reconhecer a riqueza dos conhecimentos construídos no cotidiano da pesca e a necessidade de ampliar espaços de diálogo entre escola e comunidade. Espera-se que este trabalho contribua para

futuras pesquisas sobre cultura material, currículo intercultural e EJA nas Amazônia, bem como para a construção de políticas e práticas educacionais que reconheçam e valorizem os saberes produzidos pelos povos das águas, das marés e dos manguezais.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. A fonte histórica e seu lugar de produção. Petrópolis: Vozes, 2020.

BARROS, José D'Assunção. Existe uma nova história cultural? Análise de um campo histórico. Revista Poder & Cultura, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2014. Disponível em: www.poderecultura.com. Acesso em: dez. 2024.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 2, de 15 de maio de 2025. Institui Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Brasília, DF: CNE/CEB, 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter. Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. São Paulo: UNESP, 2017.

CARDOSO, Jonatan Agostinho. Pesca artesanal: das experiências sensíveis às práticas econômicas: um olhar sobre a pesca com tarrafa em Laguna-SC. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Trabalho de Conclusão de Curso.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos Avançados, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

FLEURI, Reinaldo Matias. Construção de uma perspectiva curricular intercultural e inclusiva. In: XII CONGRESSO DA ASSOCIATION INTERNATIONALE POUR LA RECHERCHE INTERCULTURELLE (ARIC), 2009, Florianópolis. Diálogos interculturais: descolonizar o saber e o poder. Florianópolis, 2009. p. 1-10.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Cortez, 1997.

FREITAS, Sônia Maria de. História oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas; FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2006.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Memória histórica e cultura material. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 17-31, ago. 1993.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 81-93.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACIEL, Rogério Andrade; FIGUEIRÊDO, Arthane Menezes. Cultura material da puçá das arrastadoras de camarão e a proposição do currículo na EJA, Amazônia Bragantina. Revista Cocar, Belém, n. 32, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9647>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MACIEL, Rogério Andrade; NEVES, Joana D'Arc de Vasconcelos; SILVA JUNIOR, Sebastião Rodrigues. Cultura material em contextos não escolares na Amazônia paraense. Curitiba: CRV, 2020.

MACIEL, Rogério Andrade; SILVA, Vera Lucia Gaspar da; FELGUEIRAS, Margarida Louro. Apresentação de dossiê: cultura material, diversidade e sujeitos em múltiplos contextos sociais. Revista Cocar, Belém, n. 32, p. 1-8, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/9836/4095>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ARQUIVOS PESSOAIS, 1997, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV; São Paulo: IEB/USP, 1997. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_cultura_materia_l_ulpiano_meneses.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2023.

MILLER, Daniel. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre cultura material. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 14: vida na água. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/14>. Acesso em: 11 jul. 2025.

PERES, Eliane; SOUZA, Gizele de. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im)possibilidades de investigação. In: CASTRO, César Augusto (org.).

Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2011. p. 43-68.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). O historiador e suas fontes. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SALES, Dione Vieira; MACIEL, Rogério Andrade. Cultura material da farinha na Amazônia paraense. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 7, n. 15, p. 296-309, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os estudos culturais e o currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 131-138.

SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, Cesar Augusto. Por uma apresentação: a materialidade escolar entre caminhos, pesquisas e diálogos. In: SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, Cesar Augusto (org.). Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018. p. 10-25.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Gizele de; SILVA, Vera Lucia Gaspar da. Artefatos escolares e saberes em apresentação: estudos de cultura material. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 35, n. 76, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/yr44yGftMBByZQXGp4gnLqL/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

TORRES SANTOMÉ, Jurjo. Os conteúdos culturais, a diversidade cultural e a função das instituições escolares. In: TORRES SANTOMÉ, Jurjo. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998. p. 129-152.

NEVES, Estevão Jordão et al. A arte de tecer tarrafas de pesca na região semiárida de Pernambuco – Brasil. Revista Brasileira de Engenharia de Pesca, v. 12, n. 1, 2019.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro de entrevista semiestruturada



ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1- Qual o seu nome? Como você é conhecido(A) por aqui?
- 2- Qual a sua idade? Quanto tempo você mora na comunidade?
- 3- Você trabalha a quanto tempo com a pesca?
- 4- Qual o tipo de pesca?
- 5- Com quem você aprendeu a pescar? O que você aprendeu com a pesca?
(Saberes e práticas)
- 6- Qual o tempo ou tempos em que ocorrem essa pescaria?
- 7- Quais tipos de pesca você faz e quais são os tipos de pesca que existem na comunidade?
- 8- Quais os materiais (artefatos culturais pesqueiros) são usados na pesca?
Relate o passo a passo de como ele é usado quando você está pescando?
- 9- Durante a sua trajetória de vida com a pesca o artefato que você usa continua sendo o mesmo? Ele se modificou? De que forma?
- 10- Quando você usa/ou o artefato ele interferiu em sua mudança de uso?
Como vc o usava e como você o usa hoje? (o porquê dessa mudança)
Quais os valores desses artefatos?
- 11- Em qual maré você pesca com esses materiais? Quanto tempo você faz? -
Tipos de pesca (industrial, semi-industrial ou artesanal)
- 12- Quais os tipos de peixes, mariscos, crustáceos são pescados?
- 13- O que os artefatos e a pesca significam para você?
- 14- Quais conflitos ocorrem na prática com essa pesca em relação a pesca industrial?

Rotelro de Entrevista sobre a pesca com a Tarrafa.

1. Nome da rede tarrafa?
2. Espessura da tarrafa?
3. Tempo médio de produção da tarrafa?
4. Tipo de pesca para o qual a tarrafa é mais adequada?
5. Valores aproximados da tarrafa?
6. Quantidade média de peixes capturados anualmente?
- 7- Como você faz? como você tapa os buracos?
- 8- Quanto tempo você trabalha com isso?

Obs: Lembre-se de adaptar as perguntas conforme necessário, de acordo com as especificidades dos artefatos (Tarrafa) que você está pesquisando e as informações que deseja obter.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: CULTURA MATERIAL DA PESCA DE TARRAFA NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA VILA DOS PESCADORES, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL.

Coordenador/Orientador: Prof. Dr. Rogério Andrade Maciel

Pesquisador: Luis Henrique dos Reis Silva

1 Natureza da Pesquisa: O presente projeto de pesquisa pleiteado para o EDITAL 11/2025 – PROPESP/PIBIC/FAPESP/UFPA com vigência de 01/10/2025 a 30/09/2026, tem como objetivo analisar a inclusão dos conhecimentos sobre os artefatos da cultura material da pesca da tarrafa no currículo intercultural da EJA, Vila dos Pescadores, abrangendo saberes tradicionais, práticas culturais e produtivas das/os pescadoras/es.

2 Participante da Pesquisa: Participará dessa pesquisa, os pescadores da Comunidade Vila dos Pescadores que atuam com as práticas de pesca artesanal, semi-industrial e /ou industrial, localizada no município de Bragança-PA. Esses sujeitos prestarão depoimento oral sobre seus conhecimentos relacionados as práticas pesqueiras com o uso dos artefatos da pesca em contexto local e global.

3 Envolvimento na pesquisa: Ao autorizar sua participação, neste estudo, você está permitindo que o depoimento oral concedido aos pesquisadores seja utilizado para colaborar com a pesquisa no âmbito da Cultura Material da Pesca de Tarrafa no Currículo Intercultural da Educação de Jovens e Adultos na Vila dos Pescadores, em Bragança, Estado do Pará, Brasil.

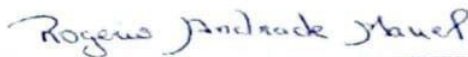
4 Sobre as imagens dos artefatos e depoimentos orais dos sujeitos da pesquisa: Ao autorizar o uso do seu depoimento oral (entrevistas) e das imagens dos artefatos usados nas práticas pesqueiras, você permitirá a utilização desses resultados pelos pesquisadores no ambiente acadêmico. As imagens serão registradas por meio de fotografias em câmeras fotográficas, *smartphone* e ou gravações de vídeos. O uso dos depoimentos e das imagens dos artefatos da pesca serão utilizadas para colaborar com a pesquisa para produção do Trabalho Científico de Conclusão de Curso (TCC); Analisar a Cultura material da Pesca de Tarrafa no Currículo Intercultural da Educação de Jovens e Adultos na Vila dos Pescadores, em Bragança, estado do Pará, Brasil. Comparar, por meio da análise de fotografias, as práticas de pesca de Tarrafa na Vila dos pescadores antes e depois das mudanças climáticas, identificando os impactos sobre os territórios, os modos de vida e os saberes tradicionais das populações ribeirinhas costeiras. Mapear os artefatos culturais da pesca de tarrafa enquanto elementos da cultura material e os saberes ativados, antes e depois das mudanças climáticas na Vila dos Pescadores.

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de

trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação, caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da construção de um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias enquanto currículos interculturais na Vila dos Pescadores e na escola situada neste território pesqueiro.

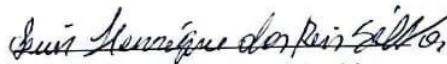
Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.



Rogerio Andrade Maciel – Orientador

Pesquisador pela Universidade Federal do Pará

(91) 98174-2047



Luis Henrique dos Reis Silva – Voluntária

Pesquisador pela Universidade Federal do Pará

(91) 98489-8786

Bragança/PA 19 de Fevereiro de 2026

Assinatura do participante pescador(a):

Maria Antônia da Silva



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: CULTURA MATERIAL DA PESCA DE TARRAFA NO CURRÍCULO INTERCULTURAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA VILA DOS PESCADORES, EM BRAGANÇA, ESTADO DO PARÁ, BRASIL.

Coordenador/Orientador: Prof. Dr. Rogério Andrade Maciel

Pesquisador: Luis Henrique dos Reis Silva

1 Natureza da Pesquisa: O presente projeto de pesquisa pleiteado para o EDITAL 11/2025 – PROPESP/PIBIC/FAPESP/UFPA com vigência de 01/10/2025 a 30/09/2026, tem como objetivo analisar a inclusão dos conhecimentos sobre os artefatos da cultura material da pesca da tarrafa no currículo intercultural da EJA, Vila dos Pescadores, abrangendo saberes tradicionais, práticas culturais e produtivas das/os pescadoras/es.

2 Participante da Pesquisa: Participará dessa pesquisa, os pescadores da Comunidade Vila dos Pescadores que atuam com as práticas de pesca artesanal, semi-industrial e /ou industrial, localizada no município de Bragança-PA. Esses sujeitos prestarão depoimento oral sobre seus conhecimentos relacionados as práticas pesqueiras com o uso dos artefatos da pesca em contexto local e global.

3 Envolvimento na pesquisa: Ao autorizar sua participação, neste estudo, você está permitindo que o depoimento oral concedido aos pesquisadores seja utilizado para colaborar com a pesquisa no âmbito da Cultura Material da Pesca de Tarrafa no Currículo Intercultural da Educação de Jovens e Adultos na Vila dos Pescadores, em Bragança, Estado do Pará, Brasil.

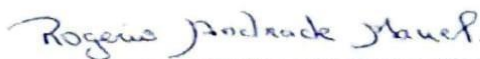
4 Sobre as imagens dos artefatos e depoimentos orais dos sujeitos da pesquisa: Ao autorizar o uso do seu depoimento oral (entrevistas) e das imagens dos artefatos usados nas práticas pesqueiras, você permitirá a utilização desses resultados pelos pesquisadores no ambiente acadêmico. As imagens serão registradas por meio de fotografias em câmeras fotográficas, *smartfone* e ou gravações de vídeos. O uso dos depoimentos e das imagens dos artefatos da pesca serão utilizadas para colaborar com a pesquisa para produção do Trabalho Científico de Conclusão de Curso (TCC); Analisar a Cultura material da Pesca de Tarrafa no Currículo Intercultural da Educação de Jovens e Adultos na Vila dos Pescadores, em Bragança, estado do Pará, Brasil. Comparar, por meio da análise de fotografias, as práticas de pesca de Tarrafa na Vila dos pescadores antes e depois das mudanças climáticas, identificando os impactos sobre os territórios, os modos de vida e os saberes tradicionais das populações ribeirinhas costeiras. Mapear os artefatos culturais da pesca de tarrafa enquanto elementos da cultura material e os saberes ativados, antes e depois das mudanças climáticas na Vila dos Pescadores.

5 Confidencialidade: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Será informado o nome do participante, na tabulação dos dados, a idade e o tempo de

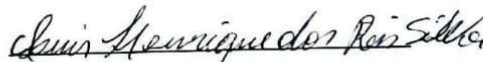
trabalho com a pesca, o gênero, assim como outros relatos orais, práticas culturais nos espaços pesqueiros com o uso dos seus respectivos artefatos, apresentados pelos entrevistados, de modo que ele/ela autorize tal identificação, caso contrário, utilizaremos pseudônimos, nomes fictícios, a fim de garantir a conduta ética de pesquisa. Estas informações serão veiculadas no meio científico.

6 Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não deverá ter nenhum benefício direto, compensações pessoais ou financeiras relacionadas à autorização concedida. Entretanto, esperamos que este estudo revele informações importantes a respeito das proposições curriculares na Amazônia Bragantina, a partir da construção de um manual do uso de imagens da pesca e das práticas sustentáveis para o fortalecimento das comunidades pesqueiras tradicionais nas Amazônias enquanto currículos interculturais na Vila dos Pescadores e na escola situada neste território pesqueiro.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse e autorizo minha participação nesta pesquisa.



Rogério Andrade Maciel – Orientador
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará
(91) 98174-2047



Luis Henrique dos Reis Silva – Voluntária
Pesquisador pela Universidade Federal do Pará
(91) 98489-8786

Bragança/PA 03 de Junho de 2026

Assinatura do participante pescador(a):

